

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO  
FCSAC

THIAGO HENRIQUE BARCELOS BOTELHO

**DIFERENTES FORMAS DA MAQUIAGEM**

São José dos Campos – SP.

2020

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO  
FCSAC

THIAGO HENRIQUE BARCELOS BOTELHO

**DIFERENTES FORMAS DA MAQUIAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade do Vale do Paraíba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Rádio e TV.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Braz de Oliveira

São José dos Campos – SP.

2020

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo, através de um documentário poético expositivo, trazer novas perspectivas sobre a influência da maquiagem na aparência das mulheres de São José dos Campos, apresentando a maquiagem com seu verdadeiro objetivo como forma de expressão, cuidado e liberdade. Por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, o estudo ressalta pontos importantes na história da maquiagem para entendermos como ela é vista e quais são seus reais objetivos, além de também pontuar a ligação da maquiagem com a autoestima.

**Palavras-chave:** maquiagem, autoestima, expressão, liberdade.

## **ABSTRACT**

This study aims, through a expository poetic documentary, to bring new perspectives on the influence of makeup on the appearance of women in the current society of the state of São Paulo, presenting makeup with its true purpose as a form of expression and freedom. Through bibliographic research, the study highlights important points in the history of makeup to understand how it is seen and what its real goals are, beyond point the link between makeup and self-esteem.

**Keywords:** Makeup, self-esteem, expression, freedom.

## **Lista de Quadros**

Quadro 1: Tipos de Documentários.....	p. 23
---------------------------------------	-------

## Lista de Figuras

Figura 1 – Representação Cleópatra.....	p. 12
Figura 2 – Quadros de mulheres no período barroco.....	p. 13
Figura 3 - Rita Hayworth e Katharine Hepburn.....	p. 14
Figura 4 – Esculturas da Grécia Antiga.....	p. 15
Figura 5 – Capas de revista de 2005.....	p. 16
Figura 6 – Tipografia do Documentário .....	p. 38
Figura 7 – Paleta de Cores.....	p. 38
Figura 8 – Banco de Imagens.....	p. 39
Figura 9 – Exemplo de Enquadramento.....	p. 40

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	p. 08
<b>Referencial Teórico</b> .....	p. 10
1. Maquiagem: conceito e panorama histórico.....	p. 10
1.1 Padrões de beleza e autoestima ligados com a maquiagem.....	p. 14
1.2 Documentário: conceito e tipologia.....	p. 17
1.3 Roteiro: conceito e processo criativo.....	p. 27
2 Metodologia.....	p. 32
<b>Memorial</b> .....	p. 33
3. Pré-Produção.....	p. 33
3.1 Personagens.....	p. 33
3.2 Pré-Roteiro.....	p. 34
3.3 Estrutura do Documentário.....	p. 36
3.4 Roteiro Final.....	p. 36
3.5 Equipe e Funções.....	p. 37
3.6 Lista de Equipamentos.....	p. 37
3.7 Pós-Produção.....	p. 37
4 Orçamento.....	p. 41
<b>Considerações Finais</b> .....	p. 42
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	p. 43
<b>Apendices</b> .....	p. 46

## Introdução

Este trabalho tem produzido um documentário poético expositivo que traz o relato de mulheres sobre suas experiências com a maquiagem e como esta incentiva a liberdade e a criatividade delas na sociedade atual. Abordando temas como padrões estéticos e autoestima, o documentário proporciona com que o espectador se identifique e se inspire, tendo total significância pessoal relacionado a maquiagem.

Para conseguirmos falar sobre maquiagem, temos que inicialmente entender o papel da maquiagem e porque ela está ligada aos padrões estéticos e a autoestima das mulheres. Sendo assim, Haddock (2015), ressalta que a maquiagem é uma forma de expressão, porém não pode se esquecer que é também submetida aos ditames da sociedade e às imposições do mercado e do consumo. Por esses motivos não podemos deixar de mostrar que todos atualmente somos influenciados pela mídia e acima de tudo, pela necessidade que temos de nos expressar e viver em sociedade.

Surge então o questionamento de até que ponto estamos utilizando a maquiagem apenas para suprir o desejo da sociedade e da indústria cosmética? Meyer (2006, p.105) nos diz que vivemos um tempo em que os meios de comunicação em massa produzem e veiculam uma discursividade sobre padrões, como comportamento, modos de vestir ou se maquiar. E pontua que na maioria das sociedades contemporâneas, a aparência classifica e hierarquiza estilos de vida ou ascensão social.

Tendo em mente o vínculo da maquiagem com os padrões estéticos e emocionais de quem a utiliza, foi necessário entender qual a melhor forma de atingir este público por meio do audiovisual. Ortega(2007), afirma que atualmente existem diversos modelos de linguagem, com a finalidade de transmitir algum tipo de conhecimento ao espectador, dentre eles o documentário, e este meio tem total ligação com questões bibliográficas e arquivísticas, dando relação ao tema e a proposta do projeto.

Definido a utilização do meio documental, Bill Nichols(2001) em seu livro Introdução ao Documentário, define bem os diferentes tipos de documentários possibilitando o entendimento das formas de atingir o público desejado. Ressaltando assim dois modelos retratados por Nichols(2001), o poético que é um modo que

sacrifica a ordem e tempo, possibilitando formas alternativas de conhecimento dando liberdade de organização das ideias e dos fatos. Além também o modo expositivo, que traz a liberdade da linguagem e do meio flexível de interação com o público, sendo um dos meios mais conhecidos que trará uma maior identificação a quem assiste.

Após a definição do método e linguagem a ser seguida, foi analisado a melhor forma de transmissão do conteúdo a partir do entendimento do pré-roteiro e roteiro, já que Figueiredo (2015) fala sobre o processo criativo de um roteiro e como ele influi no resultado do produto para expressar corretamente o conteúdo no material audiovisual, tendo divergências no roteiro dependendo do público, plataforma e abordagem desejadas.

Com todo o entendimento bibliográfico e documental, se deu início a escolha das personagens que representassem o material de pesquisa. Foram priorizadas mulheres com diferentes perfis estéticos e histórias complementares correspondentes ao conteúdo estudado. Tendo os perfis selecionados, foi dado o momento de pré-produção, com a execução do roteiro baseado nas informações já tidas e como seguiria os relatos dos personagens juntamente com a cronologia do tema e da dinâmica do audiovisual.

A partir disso, todas as estratégias e roteiro pré-planejados, a produção se deu início. Começamos pela gravação dos depoimentos, tendo duas diárias onde foi colocado em prática os ajustes técnicos de equipamentos, locação, luz, áudio e enquadramento. Tudo pensado baseado na transmissão de sentimentos e personalidade para atingir a identificação desejada ao público.

Com a produção finalizada, inicia a pós-produção, na qual foi feito todo o trabalho estético em cima do material captado. Tendo assim um roteiro definitivo a partir das cenas já prontas, ocorreu também a decupagem das imagens e montagem da ordem e o que será utilizado ou descartado. Além disso, toda a definição de tipografia, imagens, coloração e trilha sonora é feita neste momento, até a finalização do produto, tendo como completo o material esperado.

## Referencial teórico

### 1 Maquiagem: conceito e panorama histórico

De acordo com Fetzner (2013) a maquiagem, em todo o significado estético e material da palavra, sempre esteve presente na vida das pessoas. Assim como qualquer elemento por uso e criação do ser humano, a maquiagem passou por diversas modificações, desde os produtos naturais utilizados em rituais (por exemplo) até chegar no resultado da maquiagem de hoje, que é utilizada para ditar tendências na moda, corrigindo "imperfeições", realçando traços e fazendo com que as pessoas se sintam mais bonitas dentro do significado do quesito "beleza" na sociedade.

Ainda Fetzner (2013), comenta sobre dois estudos investigativos sobre a quantidade de usuários de maquiagem, realizados pela "Kantar World Panel", que é uma das maiores empresas do mundo de investigação, que apontaram que entre abril de 2011 e março de 2013, 1,2 milhões de mulheres foram incluídas na "base de consumidoras" de maquiagem e que essa base se mantém mesmo nos momentos de maior crise de nível mundial, ou seja, podemos dizer que a maquiagem é um item indispensável para grande parte da população (principalmente a feminina).

Então, podemos entender que a maquiagem, além de ser algo adorado por quem as utiliza, é um artifício de embelezamento comum entre muitas pessoas. Porém, será que este meio tão popular é utilizado para manter seus usuários em uma estética semelhante?

Por mais que um grupo de pessoas tenha a mesma cultura, influências e seguindo as mudanças da moda, elas não tendem a ser exatamente iguais. Já que:

Valoriza-se a personificação de cada um, onde apesar de muitos seguirem as mudanças da moda, ninguém quer ser exatamente igual. O profissional de beleza, ou mesmo o próprio indivíduo ao se "embelezar", busca mais do que simplesmente estética, mas também uma personificação da própria personalidade, ou da imagem que deseja passar (LOBO, 2015, p.17).

Sendo assim, Lobo (2015) diz que até quem afirma não se importar com o que veste ou a forma com que colore sua face, de alguma forma, passa pela variação de estilos das épocas. Afinal, maquiar-se não é apenas pintar/colorir, é um conjunto de

informações orientado por costumes e comportamentos que variam no tempo e na sociedade.

Podemos também dizer, de acordo com Brum(2013), que a maquiagem é uma ferramenta importante no visagismo<sup>1</sup>, já que ela pode intensificar ou amenizar características físicas, além de por si identificar/determinar grupos sociais ou culturais. Brum afirma que:

A maquiagem é uma importante ferramenta do visagismo, pois com ela podem-se intensificar ou amenizar características físicas da pessoa, além de identificar-se determinados grupos sociais. Historicamente, a maquiagem é tão antiga quanto a humanidade. Todavia, os primeiros registros de maquiagem se que têm são datados de 3300 a.C. A maquiagem não serve apenas para embelezar, mas também tem o poder de reforçar o estilo do indivíduo, deixando-o mais intenso, singular (BRUM, 2013, p.23).

Estela Schneider(2010) ressalta que atualmente a maquiagem é muito mais do que aquela make-up cinematográfica, ela tem se tornado até mesmo um cuidado com a pele, com a beleza e com o bem-estar. E os meios de comunicação estão fortemente ligados a isso; tornando acessível a informação de todos os benefícios que se maquiar pode trazer, oferecendo assim um mundo de possibilidades e realizações, ampliando a criatividade de quem as usa. E juntamente Dutra(2018) confirma isso, falando sobre a variedade de produtos e cosméticos que trazem objetivos de embelezamento, podendo assim valorizar as melhores qualidades da face de quem a usa, sendo impossível se limitar quando o assunto é criatividade.

Sendo assim, Jéssica Dutra(2018) afirma que o principal objetivo da maquiagem não é mascarar o indivíduo e enquadrar todos os rostos em um padrão de beleza nada natural, mas sim ressaltar qualidades e criatividade. Ainda segundo Dutra(2018) “A beleza – será a de um ser vivo, seja de qualquer coisa que se componha de partes – não só deve ter estas partes ordenadas, mas também uma grandeza que obedece a certas condições” (apud DE SOUZA, 1951, p14).

Podemos assim, juntamente com os autores citados, entender o conceito de como a maquiagem pode auxiliar as pessoas não só esteticamente, mas também emocionalmente e socialmente. Mas para entendermos o porquê que a maquiagem tem esses benefícios temos que avaliar os marcos importantes de sua história, e como ela foi se modificando e se adaptando durante o passar das décadas.

---

<sup>1</sup> Do termo francês visage: rosto; é uma técnica antiga, que personaliza o cabelo, a maquiagem, vestuário e outros detalhes que possam transmitir o interior da pessoa revelando sua personalidade.

## História

Como afirma Lobo(2015) ao dizer que desde os primórdios, a maquiagem não é somente uma ferramenta utilizada pela mulher ou para apenas realçar a beleza e aumentar características físicas, ela é há séculos usada como instrumento de diversidade entre povos, ou mesmo na sociedade, e como características religiosas e hierárquicas.

A maquiagem possui alguns marcos históricos que são relevantes para o entendimento do que ela se tornou atualmente. Primeiramente Estela Schneider(2010) diz que o uso da maquiagem se deu início no Egito, onde foi encontrados os primeiros testemunhos do uso de cosméticos. Os faraós, por exemplo, utilizavam cores como forma de distinção social, e as mulheres utilizavam os olhos pintados como ponto fundamental, evitando olhar diretamente para Rá, o deus-sol. Não podemos também deixar de falar da Cleópatra (Figura1), que foi uma figura memorável e que utilizava dos artifícios da maquiagem, usando nos olhos um pó chamado Kohl e sua face coberta com argila.

**Figura 1** – Representação Cleópatra



Fonte: Google Imagens, 2020.

Ainda no Egito, Lobo(2015) nos conta que:

[...]homens e mulheres usavam maquiagem, não só para elevar a estética, como também para rituais de evocação de deuses, assim como para tornarem-se mais próximos deles, e também para saúde e higiene, já que consideravam que o pó de Kohl<sup>23</sup>, usado para contornar o olhar, protegia os olhos da areia, insetos e raios solares, ou, segundo a jornalista e consultora de imagem Carol Carneiro descreve, com o intuito de proteger os olhos de “espíritos malignos”, pois se acreditava que os olhos eram o espelho da alma. (LOBO, 2015, p.39)

Após muitas décadas, no Ocidente, não se usou maquiagem por muito tempo devido a forte influência da Igreja, que condenava a vaidade durante todo o período medieval. Lobo(2015) conta que os produtos importados que eram levados para o ocidente, no século XI, acabaram influenciando a moda ocidental e a vaidade volta durante a época do Renascimento, que ocorreu entre os séculos XIV e XVII, que consistia na valorização do homem e não mais apenas de deuses como era vivenciado no ocidente até o fim do ano de 1100. O ideal era valorizar a pele pálida, e as pessoas aplicavam pó extraído do arroz ou do gesso, tanto na pele quanto nos cabelos.

O início do movimento Barroco, iniciado por volta de 1600, marcou mais ainda a vaidade. Foi aí onde surgiu a palavra maquiagem. Utilizavam a pele bem branca, as bochechas pintadas com círculos vermelhos e os lábios ruborizados, as perucas claríssimas e as roupas pomposas e exageradas (Figura 2).

**Figura 2** – Quadros de mulheres no período barroco.



Fonte: Google Imagens, 2020.

E por fim, o último momento histórico importante a ser ressaltado quando a maquiagem também ganhou popularidade, foi na chamada Era de Ouro de Hollywood(1920), onde a beleza das atrizes do cinema ganhou grande visibilidade, popularizando assim a maquiagem (Figura 3). Podemos citar grandes marcos da época como Rita Hayworth e Katharine Hepburn, onde sempre apareciam nos filmes muito bem produzidas e assim se tornaram ícones da beleza, de acordo com Oliveira(2015).

**Figura 3** - Rita Hayworth e Katharine Hepburn



Fonte: Google Imagens, 2020.

Após ressaltar alguns dos momentos importantes da maquiagem, a partir disso Oliveira(2015) reforça dizendo que a maquiagem assumiu o papel de realçar traços naturalmente bonitos de cada indivíduo, seja por meio da aplicação de diferentes produtos e diferentes formas.

E cada vez mais, a indústria cosmética tem aprimorado técnicas e componentes para auxiliar as pessoas a desenvolverem o hábito de se maquiar, seja como tratamentos para a pele ou cuidado com o sol e o envelhecimento etc.

Podemos assim concluir, com algumas comparações do antigo com o novo, que a maquiagem é algo cultural, que foi se tomando forma juntamente com o que estava acontecendo no mundo. Ela começou com a característica de algo relacionado a proteção, devoção e diferenciação de povos, e se tornou algo ligado a vaidade e totalmente estético. Lobo(2015) afirma também que a forma em que nós nos vestimos e nos maquiamos está totalmente ligado aos meios de comunicação que nos rodeia, ressalta que por mais que as escolhas são diferentes, todas são características das informações consumidas e a necessidade de expressá-las. Porém, essa expressão pode ser entendida também como uma tentativa de agradar o grupo qual pertence ou deseja se inserir.

### **1.1 Padrões de beleza e autoestima ligados com a maquiagem**

Podemos perceber que a maquiagem durante um tempo foi algo adotado pela influencias de pessoas da mídia(como por exemplo as atrizes de Hollywood), sendo assim podemos considerar isso como uma forma de padrão de beleza a ser seguido,

já que Flor(2009) diz que os padrões de beleza sempre existiram e foram sofrendo modificações de acordo com a passagem do tempo. Na Grécia Antiga, por exemplo, o que era valorizado era o nu (Figura 4), mostrando corpos fortes e bem exercitados, existindo diversas esculturas neste modelo. Na Idade Média (que se deu início no século X e se estendeu até o XV), ao contrário, o padrão era não exibir o corpo por questões religiosas.

**Figura 4** – Esculturas da Grécia Antiga



Fonte: Google Imagens, 2020.

Também é afirmado por Flor(2009) que é evidente que por trás destes padrões exigidos existe algum tipo de ideologia a ser imposta. Na Alemanha nazista, Hitler tinha um discurso onde exigia um padrão estético-corporal (indivíduos altos, fortes, claros e inteligentes, representando assim, de acordo com critérios dos alemães, uma raça superior às demais), que visava dividir a sociedade, menosprezando quem não se enquadrava naquele padrão, de forma violenta e cruel.

Já Zozzoli (2005) diz que se na época de Hitler o objetivo era impor uma ideologia doentia, nos dias de hoje é para fazer com que o mercado cresça cada vez mais. No ano de 2005, por exemplo, mais de três quartos das revistas voltadas para o público feminino estampavam em suas capas títulos referindo-se à "como mudar a aparência física" (Figura 5). O autor afirma também que na época quem teve acesso a todos estes recursos necessários para estarem dentro dos padrões são os que possuíam capital, ou seja, os que possuíam recursos para financiarem seus corpos bonitos e assim melhorarem seus status.

Figura 5 – Capas de revista de 2005



Fonte: Google imagens, 2020.

Agora que entendemos um pouco sobre os padrões de beleza, vamos compará-la com a autoestima. De acordo com Dutra(2018), é um dos fatores principais do ser humano de aceitação, e que não são todos que conseguem alcançá-lo. E para o autor, isso está muito agregado com a falta de facilidade de conquistar fundamentos desejados para alcançarem uma boa autoestima. O ser humano possui uma grande característica de autojulgamento, e suscetível a rejeição de si, caracterizando assim uma baixa autoestima. Porém quando atingida a boa autoestima, gera uma sensação de liberdade.

Brum(2013) pontua que autoestima é um conjunto de atitudes que cada indivíduo tem uma percepção sobre si mesmo, e elas podem ser positivas ou negativas, revelando-se através de acontecimentos sociais ou emocionais. Também ressalta que para muitos teóricos da psicanálise, a autoestima é um aspecto da personalidade derivado do narcisismo primário e secundário, que quando bebê passa de um estado de indiferenciação em relação ao mundo real a um estado de consciência corporal de si mesmo em relação ao outro. E a partir do momento que o ser humano tem a necessidade de desenvolver vínculos com demais pessoas e percebe que são diferentes ele cria automaticamente a necessidade de aceitação ao outro.

Por meio dos autores citados, podemos concluir que padrões de beleza e autoestima estão totalmente ligados, já que Oliveira (2015) nos diz que há uma

necessidade aparente em se encaixar nos moldes que a sociedade cria para ser aceito. Essa necessidade pode fazer surgir no indivíduo uma não aceitação (baixa autoestima), causando a busca pela aprovação e para se encaixar ao grupo que ela deseja.

Neste ponto é que a maquiagem entra como uma ferramenta que auxilia as pessoas a se sentirem bem. Foi notado que a automaquiagem é algo que tem melhorado na atualidade a autoestima de adolescentes, afirma Brum (2013). E esses cuidados contribuem positivamente. Ela em si, além de dar a impressão de aceitação, é uma forma de se diferenciar fisicamente e socialmente, o que faz com que o indivíduo tenha novas relações e experiências de acordo com Oliveira (2015)

Duarte (2018) afirma que a maquiagem já foi um artigo de luxo, porém na contemporaneidade esse recurso está disponível em todas as classes, e deixa assim de privar apenas algumas das classes da pirâmide social de utilizarem esse artifício, contrapondo assim a afirmação antes feita, sobre maquiagem ser um artifício utilizado apenas em classes de grande poder aquisitivo. E ela também diz que com o ato de se maquiar e evidenciar seus pontos fortes e expressando sua personalidade, traz uma segurança. E essa segurança trazida pela maquiagem irá agir diretamente na autoestima, fazendo com que se sinta parte de um grupo e assim seja menos influenciado pelos padrões da sociedade.

## **1.2 Documentário: conceito e tipologia**

De acordo com Ortega(2007) atualmente, existem diversos modelos de linguagem, com a finalidade de transmitir algum tipo de conhecimento ao espectador, dentre eles o documentário. Partimos do princípio de que a Ciência da Informação atua intervindo na produção e uso do conhecimento, por meio da produção de registros de informação em sistemas documentários.

O autor também afirma que se entende como "documentário" um material com abordagem bibliográfica, arquivística, que foca na fonte da informação, de maneira técnico-científica. O primeiro documento neste modelo identificado na literatura é o "Tratado de Documentação", de 1934, por Paul Otlet, que sempre afirma que "a documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor" (apud Otlet, 1934, p.27).

Hoje em dia existem diversas formas de elaboração de documentário, com a contagem de equipe de filmagens, pesquisa, existindo até mesmo emissoras de TV específicas somente para a transmissão deste tipo de conteúdo.

De acordo com Teixeira(2006), a palavra documentário se estabeleceu no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, por meio de uma escola documental inglesa. O autor também nos diz sobre o documentário carregar uma forte conotação representacional, onde o documentário histórico comprova aquilo que “de fato” ocorreu num tempo e espaços dados. E desde então o documentário entra em grandes discussões sobre ser ficção ou apenas representação da realidade. Para o autor, na atualidade, o documentário possui múltiplas concepção quando citado, e que existem diferenciações sobre o documentário clássico e o contemporâneo, por mudanças que ocorreram desde entre 1950 e 1960 até atualmente, assim possibilitando o meio documental a diversidade e liberdade de execução.

Juntamente, Ramos(2007) concorda com Teixeira (2006), afirmando que o documentário é sim visto como a representação do mundo real, além de dizer que o documentário moderno possui regras a serem seguidas, porém atualmente ele é capaz de extrapolar as fronteiras do clássico. Enquanto o documentário é visto como uma posição inocente, ele traz uma forma de criticar inúmeros temas e abre a possibilidade também de utilizar da ficção.

Ao observarmos essas análises, vendo o que foi dito por Teixeira(2006) e Ramos(2007), podemos afirmar que:

O gênero documentário não pode ser definido a partir da presença de determinados enunciados estereotipados ou de tipos textuais fixos (narração, descrição, injunção, dissertação). No entanto, não temos dúvidas de que o documentário é um gênero com características particulares, e que são essas características que nos fazem apreendê-lo como tal. (MELO, 2002, p. 24)

Melo(2002) afirma que independente do tema abordado(violência, ecologia, história, arte, cultura, biografia etc.) é capaz de se diferenciar um documentário de outros tipos de produção audiovisuais (filmes de ficção e reportagens de TV, por exemplo), pelo seus formatos de expressar o que é contado. E que existe propositalmente escolha de planos, estéticas, iluminação, montagem, roteiro, produção e pós produção para que transmite as sensações a serem passadas e representar a realidade de forma próxima.

O documentário é um gênero audiovisual tão forte, que nos possibilita afirmar que:

[...] a simples seqüencialização de documentos, por si só, não caracteriza um documentário. São inúmeras as produções ficcionais que utilizam imagens ou sons documentais no sentido de dar maior força à narrativa. (MELO, 2002, p. 26)

Já que existem inúmeras produções ficcionais que utilizam de artifícios documentais, como podemos diferenciar o documentário da ficção? De acordo com Melo(2002) uma das diferenças mais marcantes entre o documentário e o cinema de ficção, é aquele que não pode ser escrito ou planejado de modo equivalente. Porque no documentário existe a liberdade de roteiro, onde por mais que você tenha um pré-roteiro, ele só vai ser definitivamente fechado após a produção e pós-produção, já que geralmente os fatos representados dependem de acontecimentos reais.

Por meio dos autores citados, podemos concluir juntamente que verificamos que no documentário existe uma possibilidade enorme de variação quanto a utilização de determinados recursos. O documentário pode (ou não) usar locutores, utilização de apenas depoimentos, recursos de reconstituição da história, personagens para dramatizar a narrativa, conter documentos históricos etc. O que permanece sempre como característica fundamental do documentário é o fato de ser um discurso pessoal de um evento que prioriza exigências mínimas de fatos verossímeis.

Mesmo entendendo que o documentário possui sua liberdade pelo fato de retratar o real, existem tipos de documentários para que conseguimos diferenciar as técnicas e mensagens desejadas pela produção, e então é necessário entendermos os diferentes tipos desses documentários e não apenas seu conceito.

## **Tipos de Documentários**

O documentário possui uma grande gama de variações possíveis de determinados recursos, porém existem os que não mudam, onde definem tecnicamente onde sua produção pertence. Bill Nichols(2001) em seu livro Introdução ao Documentário, define bem os diferentes tipos de documentários.

Nichols(2001) cita o primeiro tipo de documentário, que seria o documentário poético. Ele diz que o modo poético compartilhar uma ideia comum com a vanguarda modernista, ele sacrifica as conversões da montagem em continuidade, a ideia de localização muito específica no tempo e espaço derivado nela. Os atores raramente assumem uma forma de personagens complexos e uma visão definida do mundo. As pessoas funcionam juntamente com condições iguais a de objetos, os cineastas selecionam e organizam de acordo com padrões escolhidos por eles.

Ainda sobre o modo poético, Nichols(2001) afirma que este modo é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transmitir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam soluções. Este modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas, e o elemento retórico continua pouco desenvolvido.

O autor também afirma que a dimensão documental do modo poético se origina do grau em que os filmes modernistas se baseiam no mundo histórico com fonte. Eles retiram do mundo histórico sua matéria-prima, e transformam-na em maneiras diferentes.

Outro tipo de documentário que Nichols(2001) nos descreve é o documentário expositivo. Este modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa, do que a poética por exemplo. O autor afirma que o modo expositivo se dirige ao espectador diretamente, com legendas ou locução que propõem uma perspectiva, expõem argumento ou recontam a história. Geralmente os documentários desse modo possuem a “voz de deus”, onde o orador é ouvido, porém não visto.

O autor citado acima conceitua que documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. As imagens desempenham um papel secundário, elas ilustram e esclarecem o que é dito. O comentário é geralmente apresentado como distinto das imagens do mundo histórico que o

acompanham. Eles servem para organizar nossa atenção e enfatizar algum significado ou interpretação. Com isso, conclui que o comentário seja de ordem superior das imagens que o acompanham, ele provém de um lugar ignorado, mas associado a objetividade. Os comentários acabam representando a perspectiva ou argumento do filme. Primeiro vem o conselho do comentário e em seguida as imagens como comprovação.

Podemos assim concluir, juntamente com Nichols (2001) que o modo expositivo enfatiza a impressão de objetividade e argumentos bem-embasados. Os comentários aparecem literalmente “acima” da disputa, com capacidade de julgar ações no mundo histórico sem se envolver nelas. O tom do narrador passa uma sensação de credibilidade, usando características de distância, neutralidade, indiferença e onisciência.

Os documentários no formato expositivo, de acordo com Bill Nichols (2001), facilitam a generalização e argumentações abrangentes. As imagens sustentam as afirmações básicas de um argumento geral em vez de construir uma ideia de particularidades de um só lugar. Esse tipo de documentário é ideal para transmitir informações ou mobilizar apoios.

Nichols (2001) pontua como terceiro modo, o documentário observativo. Ele começa ressaltando que os modos poéticos e expositivos perdem o ato de filmar as pessoas de forma natural, e sim para constituir padrões e argumentos, podem exercer a encenação para arranjar uma composição de cena, deixando de observar espontaneamente.

O autor descreve que o modo observativo propõe uma série de considerações estéticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres. Na ficção, por exemplo, as cenas são planejadas e arquitetadas, já as deste modo consiste em experiências reais de pessoas reais. Bill Nichols (2001) diz que esse modo pode parecer desconfortável pelo fato de observar aquele que não está “preparado”.

Com o modo observativo, Nichols (2001) fala que a impressão de que o cineasta não está impondo um comportamento aos outros disfarça o fato da intromissão ao gravar as pessoas direta ou indiretamente. Os filmes observativos mostram uma forma especial ao dar uma ideia da duração real dos acontecimentos, rompendo assim com os filmes dramaturgos, fugindo do convencional.

Outro modo de documentário pontuado por Nichols (2001) é o modo participativo. O autor dá o exemplo da antropologia, que é determinada pelo trabalho de campo onde o antropólogo vive no meio de um povo e em seguida escreve sobre o que presenciou. Essa pesquisa geralmente exige uma observação participativa. O pesquisador vai para campo, participa do cotidiano de outras pessoas e reflete sobre isso, utilizando de métodos da antropologia. Estar presente exige a participação, e permite assim a observação. Isso significa que o pesquisador não se permite virar um nativo, e assim mantém um distanciamento.

Ainda Nichols(2001) compara o exemplo do antropólogo com o modo documental, pois ele também vai a campo, também vivem em falam de sua experiência e do que aprenderam e vivenciaram. O documentário observativo reduz a importância da persuasão, para nos dar uma sensação de uma determinada situação, porém sem a noção de estar lá. Geralmente, documentários participativos dá-nos uma ideia do que estar numa situação e como aquela situação acontece.

Nichols(2001) afirma que quando assistimos documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico de maneira pela qual ele é representado por alguém inserido nele, e não por alguém que o observa discretamente. Possui depoimentos por meio de entrevistas, elas diferem da conversa corriqueira e de um processo mais interrogativo, em formato “sessão terapêutica” com perguntas de forma sociológicas. Elas colhem meios de provar e testemunhar o que está sendo contado durante o documentário.

O modo participativo então pode ser concluído como:

Essas características fazem o modo participativo do cinema documentário ter um apelo muito amplo, já que percorre uma grande variedade de assuntos, dos mais pessoais aos mais históricos. Na verdade, com frequência, esse modo demonstra como os dois se entrelaçam para produzir representações do mundo histórico provenientes de perspectivas específicas, tanto contingentes quanto comprometidas(Nichols,2001,p.162).

Também é colocado por Nichols(2001) o modo reflexivo. Este modo em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, como no modo participativo, agora é acompanhado o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico, mas também de problemas e questões da representação.

Ainda sobre o modo reflexivo, o autor compara que assim como o modo observativo do documentário depende da ausência aparente ou da não intervenção do cineasta nos acontecimentos, em geral depende do descaso do espectador por sua situação real, como se apenas esses acontecimentos exigissem interpretação e

não o filme em si. Os documentários reflexivos tratam do realismo, este estilo que proporciona um acesso descomplicado ao mundo, toma forma de realismo físico, psicológico e emocional por meio de técnicas de montagem de evidências, continuidades, desenvolvimento e estrutura narrativa.

Bill Nichols(2001) diz que o modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais questiona. O acesso realista ao mundo, a capacidade de proporcionar indícios convincentes, a possibilidade de prova incontestável, o vínculo entre imagem e o que ela representa. Nas melhores Hipóteses, o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa.

Por fim, o último modo a ser ressaltado por Nichols(2001) é o modo performático. Como no modo poético, o performático suscita questões sobre o que é o conhecimento, ele endossa a última posição e tenta demonstrar com o conhecimento material proporciona o acesso a uma compreensão dos processos gerais em funcionamento na sociedade.

Bill Nichols(2001) diz que este modo sublinha a complexibilidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar dimensões subjetivas e afetivas. Ele aproxima-se do domínio do cinema experimental, ou de vanguarda, enfatizando menos a característica independente do filme ou vídeo do que sua dimensão expressiva relacionada com representações que nos enviam de volta ao mundo histórico em busca de seu significado essencial.

Quadro 1: Tipos de Documentários

Tipos de Documentários	Resumo
Documentário Poético	“O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e

	<p>justaposições espaciais. Os atores sociais raramente assumem a forma vigorosa dos personagens com complexidade psicológica e uma visão definida do mundo.”</p>
<p>Documentário Expositivo</p>	<p>“A identificação de um filme com certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade.”</p>
<p>Documentário Observativo</p>	<p>“Os filmes observativos mostram uma força especial ao dar uma ideia da duração real dos acontecimentos. Eles rompem com o ritmo dramático dos filmes de ficção convencionais e com a montagem, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos.”</p>

Documentário Participativo	<p>“O documentário observativo reduz a importância da persuasão, para nos dar a sensação de como é estar em uma determinada situação, mas sem a noção do que é, para o cineasta, estar lá também. O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera.”</p>
Documentário Reflexivo	<p>“Se, no modo participativo, o mundo histórico provê o ponto de encontro para os processos de negociação entre cineasta e participante do filme, no modo reflexivo, são os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação.”</p>
Documentário Poético	<p>“O documentário performático aproxima-se do domínio do cinema experimental, ou de vanguarda, mas, finalmente, enfatiza menos a</p>

	característica independente do filme ou vídeo do que sua dimensão expressiva relacionada com representações que nos enviam de volta ao mundo histórico em busca de seu significado essencial.”
--	--

Fonte: NICHOLS, 2001, p. 138 até p. 173

Para este trabalho, os tipos de documentário que mais se adequaram a proposta foram o poético e expositivo, utilizando assim característica dos dois modelos para produção final.

O modelo poético foi escolhido, de acordo com Nichols(2001), por ser um modo onde você sacrifica a ordem e tempo para poder expressar a ideia ou argumento desejados, e também por possibilitar formas alternativas de conhecimento, uma liberdade de organização e ideias para transmissão de informações desejadas. Este modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas, e o elemento retórico continua pouco desenvolvido.

Já o modelo expositivo foi escolhido por além de ter a liberdade de linguagem, podendo carregar características de outros modos (como será feito com o modo poético), segundo Nichols(2001), ele possibilita a montagem sem compromisso com o espaço e tempo. Sendo assim, ele tem uma flexibilidade maior de montagem e criação, diferente do poético que segue uma continuidade de argumento e perspectiva verbal. Outro ponto também pontuado por Nichols(2001) que fez a escolha deste modo é o fato de familiaridade que este modo tem, já que é o mais conhecido pelo público em geral, dando assim uma maior identificação com quem irá assistir.

Podemos entender sobre os tipos de documentários e os que diferem, tendo em vista que a diferença entre eles são modelos estruturais diferentes, e o que vai definir esses modelos de forma clara será a produção de um roteiro, por isso antes de produzirmos é importante entender o funcionamento e qual o processo criativo para produzi-lo.

### 1.3 Roteiro: Conceito e Produção.

O roteiro, de acordo com Rodrigues (2008), tem o intuito de seduzir o que é contado, ele cria mundos possíveis com a finalidade de transportar seu ouvinte para mundos imaginários. Podemos confirmar isso na fala de Cortázar (1993, p. 231), que diz “desde as primeiras frases a intenção é fascinar o leitor, fazê-lo perder o contato com a desbotada realidade que o rodeia, arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora.”

Na visão de Antunes (2014) o roteiro é um texto onde o gênero dramático e técnico se fundem, pois ele não é um fim em si. Ele é o ponto de partida para uma nova aventura onde o melhor instrumento a ser usado é a imaginação. Sendo assim, a natureza de um roteiro é contar uma história através de imagens no âmbito de uma estrutura dentro de um tempo dramático onde existe início meio e fim.

Por mais que não associamos áudio e vídeo com texto de primeiro instante, Rodrigues (2008) diz que o roteirista deve ter uma escrita objetiva e delimitada para conter tudo que é necessário para o audiovisual, destinando-se a múltiplos leitores com a finalidade de contar e tornar real uma história.

Antunes (2014) conta que o roteiro é muito mais do que apenas um guia para a equipe, e que o conteúdo conta toda o motivo da peça audiovisual. Assim como os atores ou a câmera por exemplo, o roteiro também conta como uma ferramenta para atingir um fim, sendo assim, ele passa a ser uma parte fundamental na produção.

Os efeitos emocionais provocados no espectador, dito por Antunes (2014), é função do conteúdo e estrutura narrativa trabalhada pelo roteirista, a contribuição dele é essencial, pois é no roteiro que nasce a estória<sup>2</sup> e é definido qual o tema a ser tratado na obra. A estrutura narrativa auxilia na transmissão de informações importantes ao filme, e assim encantar os leitores (produtores, diretores e elenco), para assim ser realizado e visto pelos telespectadores.

Podemos dizer que o roteiro é uma das etapas na produção mais importantes para a produção de um material audiovisual. De acordo com a fala:

O roteiro é na sua base texto cinematográfico e é também uma das etapas na produção de um filme, talvez a mais importante, pois esta etapa é que vai balizar todas as seguintes, é ali que vai estar impresso o conteúdo que será transmitido mais tarde numa obra audiovisual e principalmente é ali que estarão impressas as possibilidades financeiras desse roteiro ser aprovado

---

<sup>2</sup>Estória: narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir o ouvinte ou o leitor.

e transformado em filme por algum produtor ou estúdio. Quantas vezes já se ouviram falar em um roteiro impossível de se filmar? Hoje em dia com os caros padrões cinematográficos é mais que essencial que o roteirista escreva o roteiro dentro das probabilidades de se filmar ou dele se tornar um filme. Assim, essa equação também entra na criação de um roteiro ( ANTUNES , 2014, p.164).

Sendo assim, podemos entender juntamente aos autores como o roteiro é importante para a produção audiovisual, e que além de ser necessário para as gravações ele tem a extrema importância para o público que precisa se conectar com tudo que é contado. Mas para isso, existem regras e métodos para criar e produzir, e é necessário entendê-las para transmitir e contar exatamente a história que deseja.

### **Processo criativo e Produção de Roteiro**

Para a produção de um roteiro, de acordo com Anaz (2018) começa pelo processo criativo, que vai envolver informações sobre roteiro, direção, produção, pós-produção e elenco, além de envolver a parte técnica e recursos tecnológicos para as decisões do roteiro. Este processo criativo se estende por várias etapas, como a ideia inicial, a elaboração da primeira versão, até o roteiro final e a edição final. Esse processo de criação do roteiro pode se desenvolver com algumas variações, dependendo das características do projeto e do contexto audiovisual inserido, afirma Anaz (2018).

Já a autora Elisabete Rodrigues (2008) diz que o roteiro ao produto passa por um processo de transformação, e tudo está ligado ao roteiro, e isso faz com que uma escrita responsável envolvendo lógica a história seja extremamente necessária.

Geralmente, segundo Figueiredo (2015), para a criação de um roteiro se inicia na concepção da ideia, depois a motivação para o desenvolvimento, em seguida a definição breve dos conflitos, planejamento para o desenvolvimento que se resultará na produção do roteiro final e do audiovisual.

Rodrigues (2008) conta que a história normalmente é constituída de cenas, apresentando um percurso aos personagens e dando uma continuidade dramática. Personagem, ação, tempo e espaço são enredados na trama, o modo como é contato é responsável pelo ritmo da narrativa. A organização dessas cenas antes pensadas forma o roteiro em filme. É a partir dessa visão diagramática, da maneira proposta de se produzir um roteiro, que podemos falar que o roteiro apresenta uma pré-encenação do final.

É possível identificar em um projeto marcas de narratividade, nas quais são muito bem definidas no trecho:

a) a disposição da seqüência de acontecimentos (podendo referir-se a ações ou eventos acontecidos); b) os acontecimentos trazem a marca da temporalidade, o que pressupõe a sua transformação; c) esses acontecimentos são relatados por um narrador que os organiza em termos de início, meio e fim (RODRIGUES, 2008, p.30).

A autora Rodrigues (2008) ainda complementa dizendo que a narrativa incorpora esses elementos na criação de personagens, criação de expectativas, enigmas e surpresas. Situa todos os comportamentos estruturais da narrativa no universo da ficção ao transformar lugares em ambientes, construir de forma contundente perfis de personagens e mesmo ao subverter a temporalidade.

De acordo com Antunes (2014), para uma boa estória é necessária uma transformação tanto nos personagens quanto no público. Os personagens que se inicia o enredo não podem ser exatamente os mesmos ao terminá-lo. É necessário que a história contada o afete de alguma forma e que o espectador sinta essa mudança de alguma maneira.

Além de conter uma transformação nos personagens e no público, para a produção do roteiro é necessária pontuar elementos fundamentais para a estruturação de uma narrativa. De acordo com Figueiredo (2015, apud McKee, 2006) pontuamos esses elementos como estrutura, evento, cena, beat, seqüência, ato e estória.

O primeiro ponto que iremos falar é a estrutura, que segundo Figueiredo (2015) é quando em alguns momentos específicos da estória, o autor precisa realizar escolhas, indicando o que lhe parece mais interessante para a amarração da narrativa. Como por exemplo destacar personagens, ações, mudanças etc.

A estrutura é a organização da estória a partir da distribuição dos principais eventos que a compõe. Em se tratando de ficção para smartphones e as características próprias da linguagem das mídias digitais, é interessante que o autor pense na estrutura da estória a partir das possibilidades que a plataforma oferece. Por exemplo, diante de uma narrativa fragmentada ou de curta duração faz-se necessário pensar em conjuntos enxutos ou mesmo fragmentados de personagens e ações (FIGUEIREDO, 2015, p.175).

Em seguida, vem a estrutura narrativa evento, que nele deve ser criada uma mudança significativa, de acordo com Figueiredo (2015), expresso por termos de valores. Esses valores são as qualidades universais da trajetória humana, podendo mudar de um polo para o outro, do negativo para o positivo ou o contrário.

Por exemplo, um personagem pode transitar da riqueza para a pobreza a partir de um evento ocorrido ou da coragem para a covardia. Há diversas maneiras de se criar um evento na estória a fim de realizar uma modificação nos valores, mas é sempre interessante que essa mudança ocorra a partir de um fato relevante, ou de um conflito. As coincidências e os acidentes aqui não o devem prevalecer frente aos conflitos, não fortalecem a veracidade da estória (FIGUEIREDO , 2015, p.175).

Agora falamos das cenas, que como já mencionadas e com as informações do autor Figueiredo (2015), são ações com conflito em um tempo mais ou menos contínuo. Esta ação traz um ponto de virada capaz de transformar de alguma forma a condição de vida de um personagem em pelo menos um valor significativo da estória.

É ideal, mas não obrigatório, que cada uma das cenas seja um evento da estória. Se a condição de vida de um personagem é a mesma do começo ao final de uma cena, nada significativo acontece para transformar a condição do personagem, esta cena é um não evento, está presente para exposição de informações sobre a trama.(FIGUEIREDO , 2015, p.175).

Temos também o beat, que Carolina Figueiredo (2015) diz que é a mudança no comportamento que ocorre devido a uma ação e da reação acontecida a partir dela. A cada beat é possível modificar gradualmente o comportamento, até transformá-la num ponto de virada da cena.

Por exemplo, um homem começa o dia tomando café da manhã com a esposa, os dois iniciam uma discussão por dinheiro, em seguida ela começa a insultá-lo, ele reage e atira um copo em direção à esposa, ela arruma as malas e diz que “acabou”. Cada uma dessas pequenas atitudes pode ser considerada um beat, gradualmente eles contribuem para que a situação do casal se transforme, de casados para solteiros (FIGUEIREDO , 2015, p.175).

Em seguida temos a sequência, que é pontuada por Figueiredo (2015) como blocos ou conjuntos de cenas que tem como consequência um impacto na estória maior do que qualquer cena anterior.

Numa produção de cinema ou TV, normalmente uma sequência possui de duas a cinco cenas e tem sempre na última cena o clímax da sequência, representado por uma mudança fundamental para a próxima sequência e para a estória (FIGUEIREDO , 2015, p.175).

Outra estrutura narrativa citada por Figueiredo (2015) é o ato, que afirma ser uma série de sequências que tem como ápice uma cena climática, que causa uma grande e profunda reversão de valores para o decorrer da estória.

A diferença, dentro de uma cena básica, entre o clímax de uma sequência e o clímax de um ato é o grau de mudança ou de impacto que a ação vai trazer para a estória, assim, o clímax de um ato traz sempre mudanças muito mais profundas do que o clímax de uma sequência.

Por fim, Figueiredo (2015) fala sobre a estória, que é constituído por um conjunto de atos, quando se olha para a carga de valores da situação de vida dos personagens no começo e no final de uma estória, deve ser visível o arco maior do audiovisual em questão.

Tendo em mente todas as estruturas narrativas que compõem um roteiro, de acordo com Figueiredo (2015) a partir delas é possível produzir um produto audiovisual adaptando essas estruturas de acordo com a modalidade escolhida, plataforma de veiculação e estória a ser contada, sempre seguindo as necessidades do produto, como por exemplo nesta produção onde será feito um documentário e a veiculação será feita para a internet, sendo assim vista em computadores, tablets e smartphones.

## 2. Metodologia

Este trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de uma produção audiovisual no formato de documentário para melhorar e mudar a forma em que a maquiagem é vista atualmente. Para embasamento teórico, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental em livros, sites e artigos relacionados à maquiagem, beleza, empoderamento e padrões de beleza.

Foram realizadas leituras de obras e artigos, como por exemplo "FACES pintadas no tempo: Padrões de beleza associados à maquiagem e sua evolução através do século (2015)" da autora Tainá Haddock Lobo, onde teve grande ajuda para podermos contextualizar a história da maquiagem e entender os padrões de beleza que se associam a este meio. Também foi utilizado o livro "Introdução ao documentário (2001)" do autor Bill Nichols, que na visão do audiovisual é o melhor autor que contextualiza os tipos de documentários para que seja possível entender os objetivos, métodos e onde suas ideias se enquadram dentro dos vídeos documentais. Outro material de extrema ajuda foi o "ROTEIRO: O PROJETO NARRATIVO AUDIOVISUAL (2008)" da autora Elisabete Alfeld Rodrigues, que auxilia no entendimento sobre o processo do roteiro e a importância dele dentro das produções audiovisuais, além de auxiliar a definir os processos de criação para um bom roteiro. Entre outras obras, que auxiliaram para a definição dessa pesquisa para que preparasse para os próximos passos, que foram o contato com o público da maquiagem e a pesquisa por personagens que representassem este público.

Sendo assim, a escolha das personagens foi baseada na conclusão das pesquisas feitas, onde foram escolhidas 3 personagens que apresentassem divergências entre si e fugissem de padrões estéticos estereotipados. A quantidade de entrevistadas se definiu pela disponibilidade e cumprimento dos requisitos desejados, que foram diferenciação de etnia, feições, corpo e histórias. Com isso, se deu início a produção do documentário partindo para o roteiro, identidade visual, direção de arte e fotografia, planejamento e a gravação do material. Após tudo feito e finalizado, acontece a pós-produção dando formato e identidade ao documentário que caminha para o produto finalizado.

## **Memorial**

### **3 Pré-Produção**

A ideia de produzir um documentário surgiu para representar e mostrar a perspectiva da maquiagem atualmente, visando a relevância dessa ferramenta para as pessoas e como ela pode ser algo positivo na vida de quem as utilizam. Como critério de seleção dos entrevistados, buscamos por personalidades que vivenciem o uso da maquiagem, associados as suas experiências inspiradoras com relevância ao tema.

#### **3.1 Personagens**

A escolha das personagens inicialmente se deu por meio de uma pesquisa imagética, onde buscamos perfis diferentes que representassem a diversidade. Depois, as selecionamos por sua relação com o tema baseado em suas experiências de vida e não técnicas, para causar proximidade com a realidade de mulheres que se maquam. Após a seleção foi feito um bate papo para tomar conhecimento de como seria a entrevista gravada, definindo melhor suas características e auxiliando na formação do roteiro. Visando sempre trazer olhares distintos, com diferentes vivências deste meio, para que dessa forma, quem assista o documentário tenha diferentes pontos a se identificar, percebendo assim também a acessibilidade do tema.

#### **Francisca Maria Santos**

Designer de unhas e amante da maquiagem, Francisca Maria tem um cotidiano de total contato com mulheres de diferentes idades e experiências já que trabalha diretamente com esse público. Além dessa proximidade com o tema, é uma mulher exemplo de confiança e empoderamento além de contar com sua experiência com a maquiagem voltada para sua pele com sardas, onde será facilmente identificada por mulheres com manchas na pele como a sua.

#### **Jessica Kikawa**

Sempre atenta às tendências, Jessica Kikawa, conta com a maquiagem para evidenciar seus traços orientais que a torna diferente. Além da representatividade pelo seu olho puxado e tonalidade de pele, Jessica tem um vínculo extremo com a maquiagem e a utiliza todos os dias. Em seu cotidiano é conhecida como “a menina

do delineado gatinho” e define sua maquiagem como sua identidade, sendo uma personagem de grande relevância para este documentário.

### Tamires Barros

A joseense, Tamires Barros, é uma grande inspiração quanto a estética. Com seu cabelo afro, sua pele negra e seus traços delicados, utiliza da maquiagem de forma totalmente livre para se expressar. Para ela, a maquiagem tem vários significados devido a sua trajetória de autoconhecimento como mulher negra na sociedade. Sendo uma grande referência de conhecimento não só para suas filhas, mas com mulheres que se identifiquem com sua história e experiências.

### 3.2 Pré-Roteiro

DOCUMENTÁRIO: SEJA VOCÊ	
ENTREVISTADOS	PERGUNTAS
MULHERES COM INFLUÊNCIA NA MAQUIAGEM EM SEU COTIDIANO.	
	<p>-NOME, IDADE E PROFISSÃO.</p> <p>-POR QUE VOCÊ COMEÇOU A USAR MAQUIAGEM?</p> <p>-QUEM TE INFLUENCIOU A COMEÇAR SE MAQUIAR?</p> <p>-COMO VOCÊ SE SENTIA USANDO MAQUIAGEM NO INÍCIO?</p> <p>-JÁ TEVE EXPERIÊNCIAS RUINS RELACIONADAS A SUA MAQUIAGEM? E BOAS? SE ARREPENDE DE TER COMEÇADO A USAR MAQUIAGEM NAQUELA ÉPOCA?</p> <p>-VOCÊ CONSIDERAVA A MAQUIAGEM COMO UMA FORMA DE SE ENCAIXAR EM UM PADRÃO ESTÉTICO?</p>

	<p>-COMO AS PESSOAS USAVAM MAQUIAGEM NA SUA INFÂNCIA? TEM ALGUMA MEMÓRIA?</p> <p>-COMO VOCÊ VÊ SUA EVOLUÇÃO NA MAQUIAGEM?</p> <p>-COMO VOCÊ SE SENTE USANDO MAQUIAGEM AGORA?</p> <p>-VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM ESTÁ LIGADA COM A SUA AUTOESTIMA?</p> <p>-COMO VOCÊ SE SENTE SEM MAQUIAGEM? QUAL A DIFERENÇA?</p> <p>-VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM SEMPRE FOI ACEITA PELAS PESSOAS?</p> <p>-ALGO QUE VOCÊ USAVA COM FREQUENCIA E HOJE NÃO USA MAIS?</p> <p>-POR QUE VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM TRAZ SEGURANÇA PARA AS PESSOAS?</p> <p>-CONSIDERA A MAQUIAGEM ALGO TERAPÊUTICO?</p> <p>-QUAL A MELHOR PARTE DE SE MAQUIAR?</p> <p>-VOCÊ SE GOSTA SEM MAQUIAGEM?</p> <p>-VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM TE PADRONIZA OU É O OPOSTO?</p> <p>-PREFERE SEGUIR TENDÊNCIA OU USAR O QUE TE AGRADA? JÁ PENSOU DIFERENTE?</p> <p>-ACREDITA QUE A MÍDIA TENHA INFLUENCIADO NO DESENVOLVIMENTO DA MAQUIAGEM?</p> <p>-MAQUIAGEM TEM IDADE?</p> <p>-VOCÊ ACHA QUE IRÁ SE ARREPENDER DE USAR MAQUIAGEM FUTURAMENTE?</p> <p>-ACREDITA QUE A MAQUIAGEM VAI SER MELHOR VISTA?</p>
--	--

### 3.3 Estrutura do Documentário

Após a produção do pré-roteiro, foi definido direcionar o assunto focado nas histórias dos personagens, mostrando um maior vínculo emocional e próximo. As perguntas utilizadas no roteiro foram redigidas para que leve as entrevistas por uma mesma linha de tempo e raciocínio, para que assim as histórias se encaixem.

### 3.4 Roteiro Final

DOCUMENTÁRIO: SEJA VOCÊ	
ENTREVISTADOS	PERGUNTAS
FRANCISCA SANTOS  JESSICA KIKAWA  TAMIRES BARROS	-NOME, IDADE E PROFISSÃO.  -QUEM TE INFLUENCIOU A COMEÇAR SE MAQUIAR?  -JÁ TEVE EXPERIÊNCIAS RUINS RELACIONADAS A SUA MAQUIAGEM? E BOAS? SE ARREPENDE DE TER COMEÇADO A USAR MAQUIAGEM NAQUELA ÉPOCA?  -VOCÊ CONSIDERAVA A MAQUIAGEM COMO UMA FORMA DE SE ENCAIXAR EM UM PADRÃO ESTÉTICO?  -COMO VOCÊ SE SENTE USANDO MAQUIAGEM AGORA?  -VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM ESTÁ LIGADA COM A SUA AUTOESTIMA?  -COMO VOCÊ SE SENTE SEM MAQUIAGEM? QUAL A DIFERENÇA?  -ALGO QUE VOCÊ USAVA COM FREQUENCIA E HOJE NÃO USA MAIS?  -POR QUE VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM TRAZ SEGURANÇA PARA AS PESSOAS?  -QUAL A MELHOR PARTE DE SE MAQUIAR?  -VOCÊ ACHA QUE A MAQUIAGEM TE PADRONIZA OU É O OPOSTO?  -ACREDITA QUE A MÍDIA TENHA INFLUENCIADO NO DESENVOLVIMENTO DA MAQUIAGEM?

	<p>-MAQUIAGEM TEM IDADE?</p> <p>-VOCÊ ACHA QUE IRÁ SE ARREPENDER DE USAR MAQUIAGEM FUTURAMENTE?</p> <p>- QUAL O PAPEL DA MAQUIAGEM NA SUA VIDA?</p>
--	---

### 3.5 Equipe e Funções

**Roteiro:** Thiago Barcelos

**Direção:** Thiago Barcelos

**Produção:** Thiago Barcelos

**Câmera:** Thiago Barcelos / Ana Clara Fernandes / Luciana Barcelos

**Áudio:** Thiago Barcelos

**Edição:** Thiago Barcelos

**Finalização:** Thiago Barcelos

### 3.6 Lista de Equipamentos

- 1 Câmera Canon EOS Rebel T6i
- 1 Câmera Iphone xs
- 1 Lente Canon 50mm f/1.8
- 1 Microfone Boya By-mm1 Cardióide
- 1 Microfone Boya By-m1 Omnidirecional
- 1 Gravador Wei Tus Grav2
- 1 Iluminação Ring Light SMD
- 2 Tripés WT 3710
- 2 Baterias Canon
- 2 Cartões de memória 32GB
- 1 Guimbal OSMO DJI Mobile 3

### 3.7 Pós-Produção

Com as entrevistas gravadas e descarregadas, foi a hora de partir para a edição. O primeiro passo foi a criação da identidade visual do documentário, então a decisão de tipografia e estética seguida em todo o material. Todas as escolhas foram tomadas para uma proposta minimalista e sofisticada (Figura 6), como grandes

marcas da indústria de cosméticos e da moda. Na escrita, a fonte utilizada contém variações entre “regular” e “bold”, que seria espessura fina ou grossa, para chamar mais atenção e causar maior impacto.

**Figura 6** – Tipografia do Documentário



Fonte: Autor do projeto, 2020.

As cores utilizadas para o documentário foram o branco e rosa (Figura 7). De acordo com a psicologia das cores o rosa tem o papel de esperança, é uma cor que expressa sentimentos quentes, reconfortantes, inspiradores e positivos, o que encaixa com a proposta do documentário que quer trazer para quem assiste uma sensação de personalidade e conforto além de inspiradora. Já branca é associada a luz, inocência e equilíbrio; ele é utilizado para expressar aspectos positivos, além de ter um bom desempenho para o contraste com o rosa escolhido.

**Figura 7** – Paleta de Cores

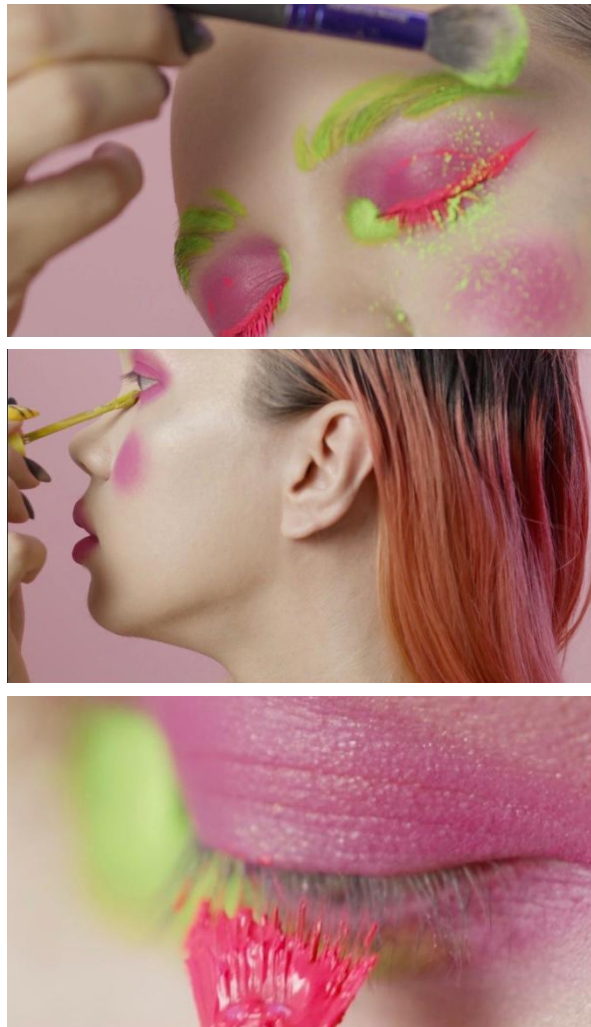


Fonte: Autor do projeto, 2020.

Feito isso, foi o momento de coletar referências e inspirações do banco de imagens para contextualizar o tema no documentário. O critério utilizado para a

escolha das gravações foram imagens que trouxessem a maquiagem de forma explícita, e que proporcionasse a sensação de liberdade e arte que abordamos ao decorrer da pesquisa e do documentário (Figura 8), então tiveram como prioridade imagens coloridas, que apresentasse uma maquiagem fora do convencional e com um modelo de atitude para inspirar em primeiro momento.

**Figura 8** – Banco de Imagens



Fonte: Autor do projeto, 2020.

Em relação às entrevistas, o enquadramento lateral e em close foi feito para proporcionar ao espectador a sensação de bate papo, onde as personagens parecessem em uma roda de conversa com quem assiste e focar nas suas feições para transmitir mais emoção (Figura 9), além de imagens extras delas se maquiando para complementar suas entrevistas. Os pré-cortes foram feitos de acordo com as perguntas e setorizados de acordo com as respostas que mais combinavam, para causar continuidade e ligação entre as falas das personagens.

**Figura 9** – Exemplo de Enquadramento



Fonte: Autor do projeto, 2020.

Depois da identidade definida e os vídeos ordenados, foi feita a seleção das trilhas, por meio de bancos de áudios livres de direito autoral. O documentário conta com cinco trilhas diferentes, começamos com a de abertura, uma música instrumental com sons de violinos, ela é bem marcante para combinar com as imagens de abertura e o impacto proporcionado pelas frases de empoderamento que aparecem no início. Logo após, se inicia as entrevistas, juntamente com suas vozes e as gravações feitas das personagens, esta segunda trilha tem o objetivo de dar drama ao início do documentário, já que começamos falando sobre experiências pessoais e de como a maquiagem era no passado para as personagens. Passamos para a terceira, onde alteramos a música para uma sensação de superação, já que as personagens começam a falar suas experiências até a atualidade, além do que aprenderam com a maquiagem. Em seguida, temos a quarta trilha, onde aborda uma batida mais animada para retratar os depoimentos bons e momentos contentes com a maquiagem das entrevistadas. Por fim, a última trilha recupera um pouco da seriedade, contando com um tom de inspiração e força para finalizar com impacto o documentário.

Na montagem, utilizei de cortes secos para a mudança de imagens. Inicialmente começamos com imagens de uma maquiagem sendo feita e frases de impacto contextualizando o tema como função de “vinheta”, tudo sincronizado com as batidas da música de abertura. Depois partimos para as entrevistas onde mantive os cortes secos, porém a inserção de luzes e desfoque entre as imagens para dar uma dinâmica ao vídeo, já que os enquadramentos se mantêm os mesmos. Também foi adotado mensagens durante o documentário, textos de especialistas e profissionais que complementam as falas das personagens, para trazer informações e confirmação sobre os assuntos abordados.

#### 4. Orçamento

Tabela de orçamento da produção do documentário “Seja Você”.

SEJA VOCE				
EQUIPE				
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor Unitário	Valor Total
Roteirista	1	Por roteiro	R\$ 34.336,00	R\$ 34.336,00
Diretor	1	Por semana	R\$ 4.182,92	R\$ 4.182,92
Produtor	1	Por semana	R\$ 1.262,53	R\$ 1.262,53
Diretor de Fotografia	1	Por semana	R\$ 2.761,42	R\$ 2.761,42
Produtor de Elenco	1	Por semana	R\$ 1.278,60	R\$ 1.278,60
Operador de Câmera	2	Por semana	R\$ 2.530,01	R\$ 5.060,02
Operador de Áudio	1	Por semana	R\$ 2.400,87	R\$ 2.400,87
Editor de Som	1	Por semana	R\$ 2.719,32	R\$ 2.719,32
Diretor de Arte	1	Por semana	R\$ 2.761,42	R\$ 2.761,42
Editor	1	Por semana	R\$ 2.761,42	R\$ 2.761,42
Finalizador	1	Por semana	R\$ 1.651,02	R\$ 1.651,02
<b>Subtotal</b>				R\$ 61.175,54
EQUIPAMENTOS				
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor Unitário	Valor Total
Câmera Canon EOS Rebel T6i	1	2 diárias	R\$ 114,00	R\$ 228,00
Câmera Iphone xs	1	2 diárias	R\$ 171,00	R\$ 342,00
Lente Canon 50mm f/1.8	1	2 diárias	R\$ 48,44	R\$ 96,88
Microfone Boya By-mm1	1	2 diárias	R\$ 115,00	R\$ 230,00
Microfone Boya By-m1	1	2 diárias	R\$ 95,00	R\$ 190,00
Gravador Wei Tus Grav2	1	2 diárias	R\$ 39,85	R\$ 79,70
Iluminação Ring Light SMD	1	2 diárias	R\$ 312,00	R\$ 624,00
Tripé WT 3710	2	2 diárias	R\$ 236,50	R\$ 946,00
Baterias Canon	2	2 diárias	R\$ 225,81	R\$ 451,62
Cartão de memória 32GB	2	2 diárias	R\$ 21,53	R\$ 86,12
Guimbal OSMO DJI Mobile 3	1	2 diárias	R\$ 549,00	R\$ 1.098,00
<b>Subtotal</b>				R\$ 4.372,32
PRODUÇÃO				
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor Unitário	Valor Total
Transporte	4	Por passagem	R\$ 6,00	R\$ 24,00
Impressão	5	Por página	R\$ 2,00	R\$ 10,00
Alimentação	4	Por refeição	R\$ 25,00	R\$ 100,00
<b>Subtotal</b>				R\$ 334,00
<b>Total</b>				R\$ 65.881,86

## **Considerações Finais**

Qualquer trabalho fica muito mais gratificante e prazeroso de se fazer quando você possui um carinho pelo assunto, ainda mais este, que uniu coisas de que tenho meu maior apreço, que seria a produção audiovisual e a maquiagem. Conversar, entender e trocar experiências dando voz a pessoas que tem o que dizer foi totalmente inspirador e de extremo aprendizado para mim e para quem irá assistir.

O audiovisual proporciona entender a visão da maquiagem atual e qual papel ela desempenha na vida das mulheres, retratando como ocorreu a mudança de suas características de forma ditatorial para um artifício de cuidado e expressão, fazendo uma comparação do antigo com o novo. Ele cumpre com os objetivos de relatar a visão da maquiagem atualmente, define diferentes personalidades que usam dessa arte para causar identificação aos telespectadores e torna totalmente explícito a relação entre os personagens e a maquiagem.

A expectativa da produção deste material antes de ser produzido foi totalmente atingida, mesmo que sofrendo alterações devido ao momento de pandemia vivido no período de execução. A maquiagem tem se transformado em muitos aspectos junto com a sociedade. Assuntos como padrões estéticos, autoestima e inclusão tem se tornado muito presente na atualidade, o que faz com que a indústria da beleza seja totalmente valorizada e vista. Além de ser um tema de total engajamento atualmente, poder contribuir com uma mensagem de apoio e encorajamento para mulheres e a valorização da arte de se maquiar é uma realização pessoal.

Pude aprender grandes lições com este trabalho, uma delas foi o fato de sempre se surpreender, seja com seus personagens até com você mesmo e o trabalho que é capaz de produzir. Após vivenciar dias de gravações, além de inúmeras alterações técnicas, consigo enxergar a importância da execução do estudo e deste trabalho acadêmico. Outro aprendizado que me marcou, foi de nunca deixar de seguir seus instintos, porque só assim você chegará no seu resultado satisfatório.

A conclusão final chegada, é sempre desenvolver projetos com toda dedicação possível e manter o foco, não se deixando abalar por complicações externas. Toda a produção desenvolvida durante este período foi desafiadora, e me mostrou que somos capazes de grandes realizações. Que este seja o primeiro de muitos documentários que irei produzir, sempre compartilhando todo conhecimento adquirido por essas experiências.

## Referências Bibliográficas

Anaz, Sílvio Antonio Luiz. **Processo criativo na indústria do audiovisual: do roteiro ao imaginário**. Eonline. 2018. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532018000200098&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532018000200098&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em 04 de Maio de 2020.

Antunes, ValdelisGubiã. Anzuategui, Sabina Reggiani. **O roteiro e sua importância na realização de uma obra audiovisual**. Eonline. 2014. Disponível em <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/283>>. Acesso em 04 de Maio de 2020.

Brum, Lucimar Filot da Silva. Maravieski, Silvinha. Bertim, Fernanda Raquel Silva. **INFLUÊNCIA DO VISAGISMO E DA MAQUIAGEM NA AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS**. Eonline. 2013. Disponível em <<http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/154/168>>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2020.

BRANDEN, Nathaniel. **A autoestima e seus seis pilares**.5ª ed. São Paulo: Saraiva 2000.

CEZIMBRA, Márcia. **Maquiagem: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

DAMICO, José Geraldo Soares. MEYER, Dagmar Estermann. **O Corpo Como Marcador Social**. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em <>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2020.

Dutra, Jessica Krauss da Silva. **Maquiagem: um recurso para promover a autoestima**. Eonline. 2018. Disponível em <<https://riuni.unisul.br/handle/12345/5567>>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2020.

Fetzner, E. **"Hábitos de consumo de maquiagem das universitárias de Porto Alegre"**. Eonline. 2013. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87831/000910060.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em 23 de novembro de 2019.

Flor, G. **"CORPO, MÍDIA E STATUS SOCIAL: reflexões sobre os padrões de beleza"**. Eonline. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22317/21415>> . Acesso em 23 de novembro de 2019

FARIA, Maria Cristina Brandão. **Em Baudelaire, A mulher e seus adornos**. Lumina. 2001.

Figueiredo, Carolina Dantas de. Mendes, Allison Ronaldo da Silva. **Roteiros para dispositivos de mídias móveis: tela, tempo e trânsito como elementos contingentes**. Eonline. 2015. Disponível em

<<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/245>>. Acesso em 04 de Maio de 2020.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as Novas Mídias**, 2004.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HALLAWELL, Phillip. **Visagismo: Harmonia e Estética**. Editora SENAC São Paulo, 2002.

HILL, Catharine. **O poder da maquiagem no empoderamento feminino**. Eonline. 2017. Disponível em < <https://www.catharinehill.com.br/blog/catharine-hill/empoderamento-feminino-e-o-poderda-maquiagem/> >. Acesso em 2019.

HOFF, T. M. C. **Consumo e biossociabilidade: regimes de visibilidade do corpo diferente**. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HUTZ, Claudio. **Adaptação da escala de autoestima de Rosenberg**. (Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 20.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LOBO, Taina Haddock. **Faces pintadas no tempo: Padrões de beleza associados à maquiagem e sua evolução através do século**. Eonline. Florianópolis, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158950>>. Acesso em Fevereiro de 2020.

MAFFESOLI, M. O reino da aparência. In: **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MCKAY, Matthew. **Autoestima: como está a sua? São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora**, 2010.

Melo, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Pernambuco, 2002. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/especial-documentario/wp-content/uploads/sites/23/2019/06/Texto-Cristina-Vieira-de-Melo.pdf>>. Acesso em Fevereiro de 2020.

MOLINOS. Duda. **Maquiagem**. 10ª ed. São Paulo: SENAC, 2009.

Nichols, Bill. **Introdução Ao Documentário**. Eonline. 2001. Disponível em <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a30-ao-documentc3a1rio.pdf>>. Acesso em Fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, Luana Tereza Coelho. LEÃO, Julianna Garcia. MALCHER, Profª. Dra. Maria Ataíde. **A flor na pele: percepções sobre poder e estética da comunicação**

**através da tatuagem e maquiagem.** Eonline. Belém, PA. 2015. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1469-1.pdf>

>. Acesso em Fevereiro de 2020.

Ortega, C. "**A DOCUMENTAÇÃO COMO ORIGEM E BASE FÉRTIL PARA A FUNDAMENTAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**". Eonline. 2007. Disponível em:

<<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/42/GT1--235.pdf?sequence=1> >. Acesso em 23 de novembro de 2019.

Ramos, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Eonline. 2017. Disponível em <<http://ceangher.com.br/wp-content/uploads/2017/10/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em Fevereiro de 2020.

REBELLO, Tereza. **Guia de Produtos Cosméticos**. 11. ed. São Paulo: SENAC-nacional, 2016.

Rodrigues, Elisabete Alfeld. **ROTEIRO: O PROJETO NARRATIVO AUDIOVISUAL**. Eonline. 2008. Disponível em <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/260>>. Acesso em 04 de Maio de 2020.

Schneider, Estela Maris. Reis, Mariana. Thives, Fabiana. **Tendência do mercado da maquiagem: conceito de arte e da tecnologia**. Eonline. Balneário, Santa Catarina. 2010. Disponível em <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Estela%20Maris%20Schneider,%20Mariana%20Reis.pdf>>. Acesso em Fevereiro de 2020.

SIQUEIRA, E. D. Categorias na fronteira: corpo, emoção e comunicação. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SUENAGA, Camila. **Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética**. Eonline. Santa Catarina, 2012. Acesso em Fevereiro de 2020.

Teixeira, Francisco Elinaldo. **Documentário Moderno**. Eonline. 2006. Disponível em <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/59329789/AHDCM20190520-101519-1wdjg7e.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAHDCM.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYF20200309%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\\_request&X-Amz-Date=20200309T173510Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=4c9c349e9d51101d51521cff9bcf932f67fd984f9039364f3f62b68ba3e41cdeb#page=250](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/59329789/AHDCM20190520-101519-1wdjg7e.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAHDCM.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYF20200309%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200309T173510Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=4c9c349e9d51101d51521cff9bcf932f67fd984f9039364f3f62b68ba3e41cdeb#page=250)>. Acesso em Fevereiro de 2020.

## Apêndices

### Autorização de Imagem

Eu *Samuel J. Barros*, portador do RG *46.005.022-1* e CPF *389.751.248-35* autorizo a utilização da minha imagem e voz a ser vinculada no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso e projetos relacionados a este produto, sem limitação de tempo ou número de exposições.

Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD-ROM ("compact disc interativo"), Home vídeo, D, DAT ("digital audio tape"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exposições, no Brasil e/ou exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Data: *12/10/20*

Assinatura: *[assinatura]*

### Autorização de Imagem

Eu \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_ e CPF \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e voz a ser vinculada no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso e projetos relacionados a este produto, sem limitação de tempo ou número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD-ROM ("compact disc interativo"), Home vídeo, D, DAT ("digital audio tape"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Data: 30/11/20

Assinatura: FRANCISCA M.R. SANTOS

### Autorização de Imagem

Eu *Jessica Kikawa*, portador do RG *49623734-2* e CPF *400 886 908-57* autorizo a utilização da minha imagem e voz a ser vinculada no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso e projetos relacionados a este produto, sem limitação de tempo ou número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD-ROM ("compact disc interativo"), Home vídeo, D, DAT ("digital audio tape"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Data: *30 10 20 20*

Assinatura: *Jessica Kikawa*